



## **UM DIÁLOGO SEMPRE EM CONSTRUÇÃO: GÊNERO E SUXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR**

Jaime Marques Ferreira Junior (1); Fernanda da Silva Torres (2); Francielly da Silva Torres (2); Darilso Liesch (2).

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática pela UNEMAT Campus Barra do Bugres– Membro do Grupo de Pesquisa CNPq: Educação e Saúde -e-mail. [jaimemarques20@gmail.com](mailto:jaimemarques20@gmail.com)

<sup>2</sup> Licenciatura em Ciências da Natureza pelo IFMT Campus: São Vicente – e-mail. [nandatorres96@gmail.com](mailto:nandatorres96@gmail.com)

### **Resumo:**

As desigualdades enfrentadas pelas mulheres, e as relações de gênero manifestadas, no dia-a-dia das estudantes no ambiente escolar, difundidas durante as atividades curriculares, presente no discurso das pessoas em todos os níveis e seus desdobramentos. O objetivo dessa estudo foi analisar as concepções de estudantes da escola pública de ensino médio sobre a relação sexualidade e gênero e apontar o nível de conhecimento dos adolescentes, sobre gênero e sexualidade, e a importância da escola dentro desse processo. Estudo de caráter qualitativo realizado com três turmas de uma escola pública estadual localizada em Jaciara- MT, sendo as turmas do 1 ao 3 ano do ensino médio. Foram aplicados 40 questionários semiabertos. O resultado do estudo indica que a escola de modo geral, ainda continua, com postura dos docentes, de distanciamento das necessidades dos jovens, adolescentes no que se tange as questões oriundas de gênero e sexualidade, ficando o exclusivamente dessa responsabilidade, por conta dos professores/as de ciências e/ou biologia.

**Palavras-chave:** escola, gênero, sexualidade, estudantes.

### **1 Introdução**

Entende-se por o gênero as relações e diferenças sexuais, interpretadas por cada sociedade, em seus distintos grupos. O conceito gênero referisse na constituição das identidades, de mulheres e homens em suas relações sociais e práticas. Dentro dessas relações estão constituídas as pessoas que modelam as maneiras com os grupos e instituições sociais, são planejadas (LOURO,1997).

A normatização do gênero precisa ser desconstruída, para isso, é necessário repensar o gênero por meio de uma perspectiva teórica Foucaultiana, que propõem a sexualidade, sendo uma tecnologia sexual; desta maneira, atribui também o gênero, um auto representação, de diferentes produtos das tecnologias sociais, institucionalizadas, práticas e epistemológicas, bem também acumuladas durante a vida.

O gênero é constituído de representação, dessa maneira construindo efeitos na atualidade ao mesmo compasso de décadas passadas e permanecem a acontecer não somente onde se esperava que ocorresse (famílias, escolas particulares e públicas, universidades, mídia, dentre outros grupos socialmente constituídos). A construção também perpassa por meio da desconstrução, ou seja, por



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

meio do discurso feminista, ou não, caracterizando o gênero, tão somente uma representação ideológica.

## **2 A identidade do adolescente**

A identidade do adolescente é construída socialmente, sendo mutável, nunca fixa. Durante a vida podemos mudar inúmeras vezes de identidade. As vezes inteiramente diferentes e outras parecidas com a anterior. Os sujeitos têm a autonomia de modificar qualquer característica e fisionomia indenitária, ou seja, adquirir uma identidade diversificada, não é considerado problema. O problema central são as dúvidas de qual identidade escolher, e qual período de tempo se atrelar a mesma. A construção, e reconstrução da identidade tornou-se a maneira de uma eterna experimentação.

“As principais razões de as identidades serem estritamente definidas e desprovidas de ambiguidade e de manterem o mesmo formato reconhecível ao longo do tempo, desapareceram ou perderam muito do poder constrangedor que um dia tiveram. As identidades ganham livre curso, e agora cabe a cada indivíduo, homem ou mulher, capturá-las em pleno vôo, usando os seus próprios recursos e ferramentas” (BAUMAN, 2005, P.36).

As identidades são superficiais e frequentemente contraditórias. Esses contrassensos estão atrelados, na sociedade adentrando grupos políticos consagrados, dentro das perspectivas de cada pessoa. Dentro desse conceito, não existe identidade que pode nortear as outras identidades com sendo soberana “identidade mestra” global, abrangente, na qual atribui-se, de maneira segura, fundamentar uma política. As paisagens políticas históricas, acontecidas no mundo são deformações dessas identificações destrutivas, sucedidas da fratura da “identidade mestra” da camada emergencial de identidades atualizadas, patrimônio do novo alicerce político defendido pelos movimentos sociais. A identidade do sujeito muda de acordo como é representado ou interpelado, a identidade não é digitalmente automatizada, mas pode ser perdida ou adquirir, assim tornando politizada (HALL,2003).

## **3 O feminismo e masculino em ação**

Em diferentes países e diferentes culturas, as identidades masculina e feminina são carregadas historicamente, de força performativa, nas divisões de poder que se constituem entre mulheres e homens, cabendo à mulher o papel de submissa,



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

comandada, desvalorizada, dentre outros termos inferiorizastes. Desde cedo as meninas são doutrinadas, a exercer cargos característicos a maternidade, ao cuidar, exercer serviço social; ser dependente, carinhosa, paciente, dócil, emotiva. Porém o menino é constituído em sua identidade masculina, o conceito de poder preenchido sobre outros indivíduos, ou seja, exercer comando as atividades alheias, em especial ás mulheres, definindo resultados, e decisões do grupo social imbuído, e aprendendo a ser ativo, corajoso, viril, arrojado, forte (FAGUNDES,2003).

O polo central da identidade está diretamente relacionado a condição feminina, evidenciado na desigualdade de gênero no entremeio das relações sociais. Historicamente os papeis construídos de poder unilateral do homem sobre a mulher, em relação a prole, a propriedade, tanto no âmbito público e privada. Essa condição diminui a mulher, e perpetua à situação de submissão, de exclusão, e dominada.

#### **4 A sexualidade em questão**

A sexualidade e construída, por meio de múltiplos e variados movimentos dinâmicos ocorridos durante a vida, tais como o pleno exercício da cidadania: fazer perguntas, ter informações adequadas, de construir o próprio prazer ou não, curiosidade e o direito de amar e ser amado. O direito é concretizado a partir de práticas saudáveis, por meio da convivência social educativa, aprendidos na escola e na família, principalmente (SORJ,1992).

A dominação comumente empregada pela sociedade moderna se faz por meio do estímulo em se interpelar a sexualidade atribuindo com ela a teoria feminista, interpretada como um processo de estudos da sexualidade que início durante a virada do século XIX e transcendo num objeto de pesquisa científica, de intensa intervenção social e controle político (SORJ,1992).

#### **5 Educação escolar: papel em destaque**

Segundo Louro a escola é “como um espaço social que foi se tomando, historicamente, nas sociedades urbanas ocidentais, um ambiente privilegiado para a formação de meninos e meninas, homens e mulheres é, ela própria, um espaço generificado, isto é, um, espaço atravessado pelas representações de gênero” (LOURO, 1997, p.77).

Existe uma ideia de singularidade de gênero e sexualidade que está sendo sustentando nas práticas e currículos das escolas. Existem diferentes maneiras de vivenciar a sexualidade e os gêneros. Segundo Louro a escola tem obrigação de alinhar suas atividades e ações, visando uma heterogeneidade.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

“Haveria um modo adequado, legítimo, moral de masculinidade e de feminilidade e uma única forma sadia e normal de sexualidade, a heterossexualidade; afastar-se desse padrão significa buscar desvio, sair do centro, tornar-se excêntrico” (LOURO,2003, p.43).

## **6 Metodologia**

Estudo de caráter qualitativo realizado com três turmas de uma escola pública estadual localizada em Jaciara- MT, sendo as turmas do 1 ao 3 ano do ensino médio. Foram aplicados 40 questionários semiabertos. Destes, 15 foram aplicados aos estudantes do 1 ano, sendo que 8 foram respondidos por estudantes do sexo masculino e 7 do sexo feminino; e 15 foram aplicados aos estudantes do 2 ano, sendo que 9 foram respondidos por estudantes do sexo masculino e 6 do sexo feminino; e 10 foram aplicados aos estudantes do 3 ano, sendo 5 respondidos por estudantes do sexo masculino, e 5 do sexo feminino. A faixa etária dos estudantes de 15 a 18 anos, em sua totalidade residem com os pais.

## **7 Análise dos resultados**

A maioria dos/as estudantes disseram que: os pais não falam sobre sexualidade com os mesmos porque não ser “certo”, ou têm vergonha e/ou os/as estudantes consideram responsáveis ou não se interessaram em questionar os pais; em quase em sua totalidade adquiriu conhecimentos a respeito do tema por meio de amigos e/ou escola, sendo apenas 10,12% afirmaram que adquirir informações com os pais; com outras pessoas (vizinhos, primos, namorado/a), 45% dos estudantes, a homossexualidade é considerado normal, pelos estudantes pesquisados que não tem preconceito. Porém, caso questionados se fossem homossexuais, apenas 50,04% dos estudantes e 61% das estudantes afirmaram que assumiriam a homossexualidade. Em relação a amizade, 51,72% dos estudantes e 60,71% das estudantes afirmaram que têm amigos homossexuais. Por outro lado, 30,14% dos estudantes e 37,21% das estudantes não queriam de ter um a filho a homossexual. Os/as estudantes quase foram unânimes em mencionar a escola, um ambiente que precisa discutir e refletir as questões sobre sexualidade, sendo que a escola trabalha com estudantes adolescentes e inúmeros deles/as precisam de conhecimento sobre sexualidade.

Dos entrevistados, 40,03% dos estudantes e 15,12% das estudantes concordam que os homens têm o direito de ter mais de uma mulher no mesmo período de tempo, desde que o mesmo consiga sustentar todas. Porém ao contrário não é conveniente, segundo eles/as, a mulher que ter respeito e se valorizar. Mais da metade dos estudantes, 52,26% e 56,83% das estudantes, divergem da maneira que os pais tratam os filhos em relação as filhas.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

## 8 Considerações finais

O estudo indica que a escola de modo geral, ainda continua, com postura dos docentes, de distanciamento das necessidades dos jovens, adolescentes no que se tange as questões oriundas de gênero e sexualidade, ficando o exclusivamente dessa responsabilidade, por conta dos professores/as de ciências e/ou biologia. Existe dificuldade de dialogar com os/as estudantes em sala de aula podendo assim minimizar as necessidades, e curiosidades dos/as educados/as. Os docentes sabendo do tema é considerado “tabu” preferem, assim, não discutir no ambiente escolar.

As transformações e concepções atribuídas a família e das relações familiares, nota-se que ainda existe, no ambiente pesquisado, uma opinião preconceituosa em relação ao gênero e a sexualidade, alicerçada na ausência e cuidado de conhecer/reconhecer o próprio corpo por parte dos/as estudantes, “androcentrismo” e heterossexualidade, ocorrendo o distanciamento da família e da necessidade de orientação sexual dos adolescentes. Os principais problemas do distanciamento é: preconceito contra os ditos “diferentes”, não desenvolvimento saudável da sexualidade.

### Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade – Entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho. **Identidade Feminina – Uma Construção Histórico-Cultural**. In: **Ensaio sobre Identidade e Gênero**. Salvador: Helvécia, 2003

HALL, Stuart. Cap.1 a Identidade em Questão; Cap.2 Nascimento e Morte do sujeito Moderno. In: **A Identidade cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Helvecia, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e Magistério: Identidade, História, Representação**. In: CATANI, D.B.C. (et all). **Docência, Memória e Gênero: Estudos sobre a Formação**. São Paulo: 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, Gênero e Sexualidade – O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”**. In: LOURO, G. L. **Corpo, Gênero e Sexualidade: Um Debate Contemporâneo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

SORJ, Bila. “O feminismo na encruzilhada da modernidade”. In: COSTA, Albertina e BRUSCHINI, C. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.